



NOTICIAS INTERNACIONALES AL 22/05/2015

BRASIL	2
Caen los precios pese a que la oferta ganadera sigue limitada.....	2
Pese a la crisis, prevén aumento en el precio de la carne vacuna	2
APERTURA DE CHINA Visita del Primer Ministro	2
Brasil a la espera de la liberación	2
China levanta embargo vigente desde 2013	3
Acuerdo firmados por Dilma confirmaron reapertura.....	3
China habilitará 26 frigoríficos brasileños en el curso del próximo mes.....	4
Cinco frigoríficos de Minas Gerais serían auditados	4
ABIEC embarques comenzarían en junio y se prevé superar 17 mil toneladas con las ocho plantas ya aprobadas	4
Brasil y China firmaron 30 acuerdos	5
Los acuerdos que anunciaron China y Brasil son viejos	5
Confían en que la apertura de CHINA acelerará el acceso a Estados Unidos	6
AFTOSA Intención de declarar Paraná como libre sin vacunación	7
Preocupación por las dificultades para controlar la frontera del estado	7
Sociedad Rural do Paraná a favor de la iniciativa	7
Rótulos: mayores exigencias para identificar raza del ganado en las carnes bovinas	8
Brasil bate record en su participación dentro del comercio global agropecuario	8
URUGUAY	8
Escasez de ganado gordo bien terminado. Se mantienen los precios	8
Se dilata llegada de rabinos a la región. Fallo de la justicia de Israel no conforma a los equipos de faena	9
El mercado ruso podría reactivarse para las carnes uruguayas	9
Abasto local: Prevén más subas de la carne Aumentó dos veces en diez días	9
MGAP acopia raciones para abastecer productores en problemas por sequía.....	10
Apuntan a que OIE pueda certificar el compartimento ovino	10
Preocupa "enorme vulnerabilidad" en sector cárnico FR teme que intereses de industria no estén alineados a los del país	11
PARAGUAY	11
La exportación de carne creció 2% pero mermó el ingreso de divisas. Rusia principal destino	11
Paraguay aumentó un 22% la exportación de carne premium a Chile	11
UNIÓN EUROPEA	12
Anuncian incorporación de un Nuevo comité de asesoramiento científico	12
Comisión Europea encara investigación sobre bienestar animal.....	12
FRANCIA: diagraman medidas para compensar bajas en los precios del Ganado bovino.....	13
Informes concluyen en que las normas de rotulado obligatorio tienen un costo excesivo y que el rotulado voluntario es una solución más adecuada	13
ESTADOS UNIDOS	14
OMC rechaza la apelación de EE.UU. a favor de sus normas de rotulado de origen. Consideró que constituían una desventaja para CANADA y MEXICO	14
Comité del Congreso dictamina a favor de eliminar el rotulado de origen en carnes.....	15
AUSTRALIA	16
Exportaciones de carnes bovinas alcanzaron un valor récord en marzo de 2015.....	16
China sigue creciendo como destino y adquiere importancia en cortes preciados	16
Caen los embarques australianos hacia Medio Oriente.....	16
EMPRESARIAS	17
JBS proyecta una caída en los precios del ganado en el mercado brasileño.....	17
Entrevista a CEO de JBS	17
JBS S.A. - JBS USA obtuvieron mejora en el rating de Standard & Poor's	18
Angus actualizan protocolo.....	18



BRASIL

Caen los precios pese a que la oferta ganadera sigue limitada

Fonte: Cepea 21 de maio de 2015 - Apesar da oferta restrita, frigoríficos pressionam pela queda nas cotações, diz Cepea

O Indicador ESALQ/BM&FBovespa do boi gordo caiu 1,36% entre 13 e 20 de maio, fechando a R\$ 146,53 na quarta-feira, 20. Conforme os pesquisadores do Cepea, apesar de a oferta de animais seguir restrita, frigoríficos continuam pressionando as cotações no mercado paulista, em decorrência das compras em outros estados e via contratos, que permitem um ligeiro aumento nas escalas de abate. Esses agentes também seguem alegando dificuldade de venda no atacado, reforçando seu posicionamento recuado nas compras.

Para os exportadores de carne bovina, que já vêm comemorando bons resultados há três meses consecutivos, o cenário deve seguir favorável. Acordo assinado entre Brasil e China nessa terça-feira, 19, habilita oito frigoríficos brasileiros a exportar o produto para o país asiático, segundo o Ministério da Agricultura. Em dezembro de 2012, após uma suspeita não confirmada de mal da vaca louca no Paraná, a China suspendeu a compra de carne do Brasil. Vale lembrar que o embargo comercial havia sido suspenso em julho do ano passado e retirado oficialmente em novembro/14, mas, para exportar, frigoríficos brasileiros necessitavam de uma habilitação do governo chinês.

Sexta-feira, 22 de maio de 2015 Em São Paulo, os preços permanecem estáveis para o boi e vaca gordos, cotados em R\$148,00/@ e R\$138,50/@, à vista, respectivamente. As escalas de abate atendem, em média, quatro dias.

A qualidade das pastagens ainda proporciona um cenário de retenção do boi gordo por parte do produtor, frente aos valores menores ofertados.

Por outro lado, as vendas de carne no atacado continuam fracas, o que não permite que as indústrias frigoríficas repassem os preços do boi gordo para a carne.

O Equivalente Scot Carcaça, que calcula a receita do frigorífico com a venda de couro, sebo, miúdos, subprodutos, derivados e carne com osso está cotado em R\$166,48/@, queda de 1,6%, comparado com o início da semana.

No mercado atacadista de carne com osso, houve queda no preço do boi casado. As carcaças de animais inteiros e castrados estão cotadas em R\$8,50/kg e R\$8,80/kg, respectivamente.

Pese a la crisis, prevén aumento en el precio de la carne vacuna

Fonte: Folha de São Paulo, resumida e adaptada pela Equipe BeefPoint. 19/05/15 Os efeitos negativos das dificuldades econômicas do país não devem afetar os preços da carne bovina neste ano. Pressionados, os valores atuais já estão acima dos de anos anteriores.

Se essas dificuldades econômicas avançarem para o próximo ano, porém, o setor também começará a sentir os efeitos do aumento de desemprego, da inflação elevada e da perda de poder de compra dos consumidores. A avaliação é de José Vicente Ferraz, da Informa Economics FNP e especialista no setor de carnes.

A arroba de carne bovina está próxima de R\$ 150 no Estado de São Paulo, valor acima do de há um ano. A oferta de boi para abate teve uma pequena melhora nas últimas semanas, mas os preços devem continuar firmes e voltam a subir a partir de agosto, segundo ele.

O país vive um gargalo estrutural na oferta de animais, e isso só será resolvido com ganho de produtividade, o que exige mudanças e investimentos no setor.

Ferraz acredita na alta dos preços do boi gordo no segundo semestre porque as exportações, que começaram fracas no início do ano, estão se recuperando.

A demanda externa se mantém, e a oferta está menor. Ferraz diz que é preciso avaliar bem a retomada do rebanho dos Estados Unidos, um dos principais países nesse setor, tanto nas importações como nas exportações. A recuperação, no entanto, quando vier, vai ser um processo longo. A situação australiana é complicada, enquanto a pecuária argentina se mantém desestruturada. A Índia eleva a oferta, mas de carne de búfalo, um produto de menor procura nos mercados mais exigentes.

O analista acredita, porém, que a manutenção dos preços da carne bovina tenha um limite. Internamente, uma paralisação da economia vai levar o consumidor ainda mais para a carne de frango, que tem valores mais apropriados para o bolso. No mercado externo, o consumo de aves também aumenta.

APERTURA DE CHINA Visita del Primer Ministro

Brasil a la espera de la liberación

Fonte: Agência Brasil, resumida e adaptada pela Equipe BeefPoint. 18/05/15 O primeiro-ministro da China, Li Keqiang, acompanhado de 150 empresários, visitará o Brasil nessa semana e deverá assinar



um protocolo sanitário que deve agilizar a liberação das exportações de carne bovina do Brasil para o país asiático. Para retomar as vendas, o Brasil precisa ir além do aval formal e fazer um trabalho de reposicionamento no mercado chinês.

Com isso em vista, o governo e o setor privado brasileiro articulam, para menos de um mês após a visita uma missão para promover as carnes bovina, suína e de frango na China. A viagem é organizada pela Agência Brasileira de Promoção às Exportações e Investimentos (Apex), em parceria com a Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carne (Abiec) e a Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA).

A gerente de Estratégia de Mercado da Apex, Ana Paula Repezza, explicou que o objetivo é criar demanda para a carne brasileira. “Em alguns casos, há uma percepção negativa da carne brasileira, pois saíram notícias informando que ela entrava sem fiscalização, de forma irregular”.

Segundo ela, isso ocorreu porque os chineses tiveram acesso ao produto via Hong Kong, um território administrativo especial. Para ela, a estratégia brasileira na viagem, que ocorrerá entre 9 e 12 de junho, é chegar não apenas aos distribuidores, varejistas, produtores e beneficiadores de carne, mas principalmente aos consumidores. De acordo com a gerente, com a abertura do mercado chinês, a expectativa é que o valor em vendas alcance pelo menos patamar próximo a US\$ 1 bilhão.

Para frangos e suínos, o governo tem a expectativa de elevar em 20% as vendas. O presidente da Abiec, Antônio Camardelli, prefere não fazer previsão de valor das exportações de carne bovina com a liberação. “A gente ainda não sabe a quantidade de plantas [frigoríficos] que serão liberadas, se aquelas nove iniciais ou mais”.

“É um mercado que retorna, que foi embora quando estávamos começando a entendê-lo”, destacou Camardelli. Segundo ele, o Brasil precisa fazer novo esforço para compreender os chineses, acrescentando que o trabalho para reconquistar espaço será intensificado com a liberação formal das vendas de carne. “Vamos avaliar a necessidade de montar um escritório [da Abiec] na China”, disse Camardelli.

China levanta embargo vigente desde 2013

El Ministerio de Agricultura de Brasil dijo hoy que China terminó un embargo sobre importaciones de carne bovina brasileña que estaba vigente desde 2012.

Ocho plantas procesadoras de carne brasileñas recibieron la aprobación para exportar a China, anunció el Ministerio en una rueda de prensa, que confirmó las expectativas del grupo de la industria Abiec.

El primer ministro chino, Li Keqiang, está en Brasilia para reunirse con la presidenta Dilma Rousseff, y se prevé que ambos líderes firmen acuerdos comerciales, financieros y de inversiones por un total de decenas de miles de millones de dólares para ayudar a impulsar a la vacilante economía brasileña. (Reuters)

Acuerdo firmados por Dilma confirmaron reapertura

Quarta, 20 de maio de 2015 Os acordos comerciais celebrados entre a presidente Dilma Rousseff e o primeiro ministro da China ontem também confirmaram definitivamente o fim do embargo chinês à importação de carne bovina brasileira, que se mantinha desde dezembro de 2012, por conta de um caso "atípico" do mal da vaca louca no Paraná

Os acordos comerciais celebrados entre a presidente Dilma Rousseff e o primeiro ministro da China ontem também confirmaram definitivamente o fim do embargo chinês à importação de carne bovina brasileira, que se mantinha desde dezembro de 2012, por conta de um caso "atípico" do mal da vaca louca no Paraná.

Na ocasião, a ministra da Agricultura, Kátia Abreu, anunciou que os oito frigoríficos que estavam impedidos de exportar carne bovina ao país asiático, e mais um de carne de frango, que não tem relação com a suspensão, foram habilitados pela agência de inspeção sanitária e quarentena do governo chinês, como parte dos acordos.

Entre os oito frigoríficos, cinco são da JBS, dois da Marfrig e um da Minerva, de acordo com uma fonte do setor. As três empresas figuram entre as maiores exportadoras de carne do país.

"Não temos mais nenhum empecilho para voltarmos a vender à China, agora é com as empresas", disse a ministra à noite, após encontro com o ministro da Agricultura chinês, Han Chang.

No ano passado, em visita a Brasília, o presidente chinês, Xi Jinping, já havia assinado um termo de compromisso pela quebra do embargo à carne bovina brasileira. Entretanto, as restrições serão encerradas de fato somente agora após o cumprimento de uma série de procedimentos burocráticos que incluíram a vinda de técnicos do serviço veterinário chinês ao Brasil e a celebração de um protocolo de certificado sanitário pelo qual o Brasil comprova estar totalmente imune a novos casos da doença.

Segundo o secretário de Defesa da Agropecuária, Décio Coutinho, juntas essas nove plantas industriais aprovadas ontem pelo governo da China têm capacidade de exportação estimada em US\$ 180 milhões anuais. No entanto, a expectativa da ministra Kátia Abreu é de que em visita aos chineses, em junho,



possa garantir a autorização para mais 17 estabelecimentos: mais nove de carne bovina, mais sete de frango e uma de suínos.

Caso a delegação brasileira volte de lá com a garantia de mais essas plantas, a expectativa do Ministério é de que esses 26 frigoríficos somem US\$ 520 milhões por ano em volume de carne exportado. Para se ter ideia do potencial de mercado externo para a carne brasileira, em 2012, quando a China levantou o embargo, o Brasil exportou US\$ 37,7 milhões de carne bovina àquele país contra US\$ 2,5 milhões em 2009, ano em que o mercado chinês se abriu para esse tipo de carne do Brasil.

"Reiterei ao primeiro-ministro nosso interesse em tornar efetivo e ágil o processo de habilitação de novos estabelecimentos brasileiros produtores de carne bovina, suína e de aves", afirmou ontem a presidente Dilma em cerimônia no Palácio do Planalto. "Atualmente, 36 plantas brasileiras já vendem carnes normalmente aos chineses: 29 são de frango e sete de suínos.

Também foi assinado um acordo de cooperação entre os países para pesquisas com transgênicos. Os chineses também demonstraram interesse em construir parques industriais de alimentos processados no Brasil.

China habilitará 26 frigoríficos brasileiros en el curso del próximo mes

Fonte: Mapa e Acrimat, resumida e adaptada por Equipe BeefPoint.20/05/2015 O Brasil deverá ter 26 plantas frigoríficas habilitadas a exportar para a China até junho deste ano, o que pode representar cerca de US\$ 520 milhões em vendas para o país oriental. O anúncio foi feito na manhã desta terça-feira (19) pela ministra Kátia Abreu (Agricultura, Pecuária e Abastecimento) depois de receber em audiência o ministro chinês da Administração de Inspeção de Qualidade e Quarentena, Zhu Shuping.

Ainda na manhã desta terça, a presidenta Dilma Rousseff e o primeiro-ministro da China, Li Keqiang, oficializaram a liberação da venda de carne bovina para o mercado chinês, embargada desde 2012. A presidenta recebeu o primeiro-ministro chinês em solenidade no Palácio do Planalto.

Do total de plantas habilitadas, nove frigoríficos (oito de bovinos e um de aves) tiveram a habilitação oficializada hoje, junto com a assinatura do fim do embargo da China à carne brasileira.

Segundo a ministra Kátia Abreu, o governo chinês se comprometeu em liberar as 17 plantas restantes em junho, durante visita oficial da ministra ao país oriental. "Entreguei toda a documentação em inglês para o ministro. Ele saiu daqui com a promessa de uma cooperação rápida, de que tem toda disposição de ajudar", disse.

De acordo com o superintendente da Associação dos Criadores de Mato Grosso (Acrimat), Olmir Cividini, a medida é importante para os pecuaristas de Mato Grosso. "Cada mercado que se conquista é a possibilidade de se conseguir o crescimento da atividade econômica da pecuária de corte." Segundo ele, este aumento externo de demanda não impactará a oferta ao mercado interno, em função da intensificação de tecnologia no campo, da integração lavoura-pecuária e da eficiência no confinamento de gado.

Cinco frigoríficos de Minas Gerais serão auditados

Quinta-feira, 21 de maio de 2015 - Cinco frigoríficos de Minas Gerais serão auditados pelo Ministério da Agricultura em junho para verificar se cumprem os requisitos para exportar carne bovina à China, informa a Secretaria de Agricultura do Estado em nota.

O agendamento das inspeções se dá após o governo chinês oficializar, na terça-feira (19/5) o fim do embargo à produção brasileira.

De imediato, oito unidades já têm licença para atender à demanda chinesa por carne bovina, mas o ministério espera que outras 17 fábricas sejam credenciadas em junho.

Para o secretário de Agricultura mineiro, João Cruz Reis Filho, a reabertura é uma oportunidade para que frigoríficos mineiros tenham acesso direto a um mercado em expansão. "O consumo de proteína animal entre os chineses vem crescendo na última década, com a melhoria do poder aquisitivo da população e a urbanização", afirma no comunicado.

Segundo ele, o consumo doméstico de carne bovina na China cresceu 25% entre 2004 e 2014, para um total de 6,9 milhões de toneladas. O secretário afirma, ainda, que a medida é um incentivo para que pecuaristas de Minas Gerais invistam em tecnologias e aumentem a produtividade.

ABIEC embarques comenzarían en junio y se prevé superar 17 mil toneladas con las ocho plantas ya aprobadas

Fonte: Portal DBO 20 de maio de 2015 - A Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carne (Abiec) estima que a retomada das exportações de carne bovina para a China aconteça em junho. "A expectativa é que possamos repetir e até superar o patamar de 17 mil toneladas embarcadas ao país em 2012", estima o diretor executivo da associação, Fernando Sampaio. A receita obtida em 2012 foi de US\$ 74,8 milhões.



As oito unidades de abate de bovinos da Marfrig, Minerva e JBS, e uma de aves que já exportavam para o país antes do embargo ao produto brasileiro, em 2012, em razão de um caso atípico de mal da vaca louca (encefalopatia espongiforme bovina), voltaram a ser habilitadas nesta terça-feira, 19.

Na ocasião, Brasil e China assinaram uma série de acordos de cooperação que somam R\$ 53 bilhões. Uma das unidades de abate fica em Mato Grosso, cinco em São Paulo, uma no Rio Grande do Sul e um em Goiás. A unidade de aves é do Paraná.

A expectativa é que outras nove plantas de abate de bovinos sejam consideradas aptas a negociar com os chineses em junho, quando a ministra da Agricultura, Kátia Abreu, fará visita oficial ao país. Também deverão ser habilitadas oito unidades de aves e suínos. Com isso, o Brasil deverá ter 26 frigoríficos habilitados, o que pode representar cerca de US\$ 520 milhões anuais em vendas, estima o Ministério da Agricultura (Mapa).

A Abiec considera a China peça fundamental para a recuperação das exportações de carne bovina brasileiras, que caíram 15% nos primeiros quatro meses do ano. Para se ter uma ideia do potencial do país, em 2014 a China importou 300 mil toneladas de carne bovina. “O Brasil vai brigar por uma parte desse total e temos competitividade para ter uma boa participação”

Sampaio descarta a hipótese de que os embarques para Hong Kong recuem com a abertura do mercado chinês. Hong Kong é o principal destino da carne bovina brasileira e, até então, a porta de entrada para os produtos na China. No acumulado de janeiro a abril deste ano, o Brasil exportou 117 mil toneladas a US\$ 468,6 milhões.

Antônio De Salvo, presidente da Comissão de Bovinocultura de Corte da CNA, comemorou a retomada dos embarques. “O mercado chinês é almejado por todos e é resultado de um conjunto de ações que o Brasil está fazendo e que está abrindo novos mercados. Além disso, somos um dos poucos países capazes de atender a esta demanda.”

Brasil y China firmaron 30 acuerdos

Fonte: Folha de São Paulo, resumida e adaptada pela Equipe BeefPoint. 20/05/2015 A presidente, Dilma Rousseff, recebeu nesta terça o primeiro-ministro da China, Li Keqiang, para discussões sobre parcerias de investimento e ampliação do comércio entre os dois países.

Segundo auxiliares da presidente, o Palácio do Planalto vai apostar nos negócios com a China para evitar uma “paralisia” do governo com o corte do Orçamento de 2015, que será anunciado até sexta-feira (22) e deve ficar na casa dos R\$ 70 bilhões.

Na tarde desta segunda-feira (18), Dilma fez uma reunião ampliada, com a presença de diversos ministros e do embaixador brasileiro na China, Li Jinzhang, para acertar os últimos detalhes dos acordos.

Em 2009, a China se tornou o principal parceiro comercial do Brasil. Só no ano passado, as exportações somaram US\$ 40,6 bilhões e as importações, US\$ 37,3 bilhões, um fluxo de US\$ 15,9 bilhões a mais do que o registrado com os Estados Unidos, segundo maior parceiro do Brasil.

O embaixador Sergio Amaral, presidente emérito do Conselho Empresarial Brasil-China, afirmou que os chineses estão interessados, especialmente, em projetos que estão prontos para serem executados, que já estejam em andamento ou próximos de serem concluídos.

Esse investimento será feito por meio de compra de participação nesses negócios ou de financiamento de bancos chineses, principalmente. Cinco instituições financeiras daquele país farão parte da rodada de negócios. Entre elas, o Banco de Desenvolvimento da China, que poderá ser um financiador importante nos projetos de infraestrutura do país.

Los acuerdos que anunciaron China y Brasil son viejos

Financial Times 22.05.15 En julio del año pasado ya se hablaba de que China levantaría el embargo a la carne brasileña y en septiembre se anunció que Beijing compraría los aviones Embraer

Cuando el premier chino Li Keqiang recorrió Brasil esta semana, él y su par brasileña, la presidenta Dilma Rousseff, buscaron impresionar dando a conocer acuerdos por u\$s 53.000 millones. Sin embargo, gran parte de ese paquete está compuesto por viejos anuncios recalentados para que sean más apetecibles, especialmente a un pueblo brasileño preocupado por el debilitado crecimiento económico.

Un ejemplo es la emocionante noticia de que China levantará el embargo contra la carne brasileña. Introducido en 2012 por temor a la enfermedad de la vaca loca, China y Brasil señalaron en julio pasado que dejaría de regir el embargo a las exportaciones de carne brasileña. Luego volvieron a anunciar lo mismo en diciembre. Ahora prometen que el levantamiento será total a partir del mes próximo.

La relación comercial entre Brasil y China debería ser una pareja ideal con el potencial de convertirse en los socios para el comercio bilateral más importantes del siglo XXI.

Brasil, que ya es una potencia agrícola, es uno de los pocos países con potencial para satisfacer la creciente demanda de alimentos proveniente de China y el resto de Asia en las próximas décadas.

La economía más grande de Latinoamérica, mientras tanto, necesita urgente apuntalar su infraestructura: sus caminos, ferrocarriles, puertos, aeropuertos y sus redes eléctricas. En esto China está posicionado



como nadie para ayudar en su carácter de nación con tamaño de continente con experiencia en infraestructura y exceso de capacidad industrial que busca mercados.

China también tiene una elevada tasa de ahorro pero necesita desarrollar su mercado local, mientras Brasil ahorra poco pero tiene una pujante economía de servicios y consumo.

Las sinergias entre los dos, por lo tanto, son evidentes pero no ha sido fácil hacerlas realidad.

La dificultad para alcanzar y ejecutar los acuerdos quedó evidenciada en parte con el confuso lenguaje que se utilizó en los anuncios de esta semana. El premio a la formulación más vaga fue para el banco chino ICBC y Petrobras, que firmaron "un convenio de cooperación para crear una relación a largo plazo".

En otro, China ExIm Bank alcanzó un memorándum de entendimientos para "considerar" otorgarle un préstamo a dos compañías chinas para "facilitar" el suministro de servicios de transporte a Vale, la exportadora brasileña de mineral de hierro. Vale y una de las empresas chinas, Cosco, también dieron a conocer un acuerdo para la venta de buques cargueros para mineral de hierro, anuncio que se hizo por primera vez en septiembre pasado.

Otros convenios no tan nuevos incluyen los préstamos chinos a la petrolera estatal Petrobras y un pedido de fabricación por 40 aviones Embraer brasileños que ya había dado a conocer anteriormente.

También fue vaga la descripción de un plan para estudiar una conexión ferroviaria que uniría la costa atlántica de Brasil con un puerto sobre el Pacífico en Perú. Brasil ya tiene suficientes dificultades para poner en servicio ferrocarriles dentro de sus propias fronteras, dadas las restricciones ambientales y de otro tipo.

Sin dudas, aumentan los incentivos para que China y Brasil avancen en inversiones y las compañías chinas ya hicieron algunas incursiones, pero en términos generales, los resultados son irregulares. El comercio recíproco subió de u\$s 2.000 millones en 2000 a u\$s 78.000 millones el año pasado, según cifras del Secretaría de Comercio brasileña. Pero la inversión extranjera directa china en Brasil varía abruptamente, de u\$s 395 millones en 2010 a u\$s 110 millones en 2013 antes de saltar a u\$s 840 millones en 2014.

Ambas partes deberán ser más flexibles. China tendrá que relajar las condiciones que, según los analistas, aplican para los proyectos como el uso de equipos fabricados en China o hasta mano de obra china. Brasil tendrá que reducir la burocracia y abrazar a las empresas chinas, que aún miran con sospecha.

Mientras no se tomen esas medidas, ningún anuncio de viejas noticias servirá para reactivar una relación cuyo mayor potencial se está dejando arruinar.

Confían en que la apertura de CHINA acelerará el acceso a Estados Unidos

Sexta-feira, 22 de maio de 2015 - A liberação de oito frigoríficos brasileiros para exportar carne bovina para os chineses vai estimular outras alianças mercadológicas com países tão criteriosos quanto os orientais, incluindo os Estados Unidos. É o que apostam os criadores de Mato Grosso do Sul, da região de Camapuã, conhecida como Capital do Bezerro de Qualidade.

Com as altas vendas de proteína vermelha dos Estados Unidos nos últimos anos, que causou queda do rebanho americano, os criadores de MS se preparam para atender países com altas demandas em volume e qualidade. Os pecuaristas debateram o futuro da pecuária e interesses mercadológicos na quarta-feira (20/5), durante o Circuito ILPF, na Associação dos Criadores do município.

O Ministério da Agricultura Pecuária e Abastecimento (MAPA) em breve outros 17 frigoríficos brasileiros serão habilitados para exportar carne à China, somando 26 plantas frigoríficas, que representará movimentação de US\$520 milhões anuais na comercialização de proteína animal.

Segundo o diretor do Sindicato Rural de Camapuã, Antônio Silvério de Souza, a notícia que beneficiará os produtores e valorizará ainda mais as cotações está próxima de ganhar repercussão. "As informações do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, apontam para uma liberação imediata para os Estados Unidos, e com a habilitação chinesa, sem dúvida o processo ganhará ainda mais velocidade", enfatizou o presidente. Ainda de acordo com Souza, os criadores da região se preparam no desenvolvimento de animais precoces, que acarreta em maior qualidade em curto espaço de tempo.

Nesse mesmo sentido o criador de Figueirão, 90 quilômetros de Camapuã, Rubens Catenacci, ministrou palestra indicando que a resposta imediata para este mercado está na suplementação animal. "A raça nelore precisa ser apresentada com todo o seu potencial para os americanos. Por meio da suplementação conseguiremos oferecer carne de qualidade e em grande escala, garantindo rentabilidade, estabilidade do setor e satisfações dos clientes exteriores", destacou o proprietário da Fazenda 3R, que alimenta seus bezerros com pastagem e ração específica, alimentação capaz de aumentar em 1,2 quilos por dia o peso do animal.

Entre os desafios do pecuarista segundo o administrador da Fazenda 3R, Rogério Rosalin, será o de apresentar aos americanos as qualidades e potencialidade da raça nelore. "Esta não é uma raça habituada e tradicional nos Estados Unidos, mas no Brasil atingimos produtividade e uma qualidade atualmente desejada por muitos outros mercados, e apresentar isso de forma correta a modo de subir no



conceito americano, será um desafio, mas todo pecuarista brasileiro sempre que desafiado mostra que entende do que faz", reforça Rosalin.

Para o zootecnista Marcelo Fedrizzi Pinto, Mato Grosso do Sul está apto para atender diversos mercados, mas no Brasil ainda falta a linearidade da produção americana. "Em toda propriedade visitada nos Estados Unidos há uma semelhança bastante considerada na qualidade de estrutura dos animais, bem como cobertura de gordura, rendimento de carcaça e outras características que no Brasil oscila muito de uma fazenda para outra. Temos de focar em questões técnicas como essa para entrarmos no mercado fortemente em novos mercados, sem data marcada para sair", finalizou o zootecnista durante o Circuito ILPF em Camapuã.

AFTOSA Intención de declarar Paraná como libre sin vacunación

Preocupación por las dificultades para controlar la frontera del estado

Fonte: Folha de São Paulo, resumida e adaptada pela Equipe BeefPoint. 20/05/2015

O controle da febre aftosa vai muito bem em várias regiões do país, entre elas Mato Grosso, Estado que tem o maior rebanho nacional. Em outras, principalmente em regiões de fronteira internacional, a situação parece não ir tão bem. É o que aponta o relatório de monitoramento sorológico do Ministério da Agricultura para avaliação da eficiência da vacinação -realizada em 2014- contra a febre aftosa na zona livre da doença, mas com vacinação.

O Departamento de Saúde Animal do ministério, com os serviços veterinários estaduais, fez estudos para avaliação da circulação viral e da eficiência da vacinação. O resultado do estudo da circulação viral será divulgado no segundo semestre.

O levantamento ocorreu em 828 propriedades, com uma amostragem de 4.270 animais. As amostras incluíram 204 propriedades de fronteira e 624 em regiões de não fronteira. A cobertura imunitária do rebanho localizado nos Estados que integram a zona livre de febre aftosa com vacinação variaram de 56,3% a 97,8%.

O menor percentual ocorreu em uma área de fronteira do Paraná e se deve à proteção contra o vírus C. Já a maior taxa de proteção está em Mato Grosso.

O estudo considerou 22 subpopulações de bovinos, divididas em três grupos. O grupo 1, classificado como excelente nível de imunidade do rebanho, incluiu subpopulações com taxa de imunidade de 90% ou mais. Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Pará, Rondônia, Tocantins e Paraná (região de não fronteira) estiveram nessa lista. Este último Estado pretende se tornar uma região livre de aftosa, sem vacinação.

No grupo 2, que considerou taxa de 80% a 89% -satisfatória para proteção contra pelo menos dois tipos de vírus-, estão Acre, Bahia, Distrito Federal, Goiás, Rio Grande do Sul (região de fronteira) e Sergipe.

Já no grupo 3, com taxas de proteção inferiores a 80% para pelo menos dois tipos de vírus e, portanto, considerado um nível inadequado de imunidade do rebanho, estiveram Espírito Santo, Minas Gerais, Paraná (região de fronteira), Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul (região de não fronteira) e São Paulo. No caso paulista, as taxas para os três tipos de vírus (O, A e C) ficaram próximas de 80%, de acordo com informações do Departamento de Saúde Animal.

A ministra da Agricultura, Kátia Abreu, afirma que sua pasta vai atuar com rigor nas áreas em que não foram atingido nível satisfatório de imunidade.

Sociedad Rural do Paraná a favor de la iniciativa

Fonte: Sociedade Rural do Paraná, adaptada pela Equipe BeefPoint. 18/05/15 Mais de 20 entidades paranaenses ligadas ao setor agropecuário produziram na sexta-feira, dia 8, em reunião na sede da Sociedade Rural de Maringá (SRM), um ofício dirigido à ADAPAR e SEAB/PR, em que se posicionam sobre "o Paraná livre de aftosa sem vacinação".

O ofício foi entregue nesta segunda-feira (11) em audiência pública, realizada na Assembleia Legislativa, em Curitiba. O presidente e vice-presidente da Sociedade Rural do Paraná (SRP), Moacir Sgarioni e Octávio Cesário Pereira Neto, respectivamente, participaram da audiência, bem como o conselheiro da SRM, Ricardo Pulzato e Márcio, da Associação Nacional dos Confinadores (Assocon).

Na reunião realizada em Maringá, no primeiro dia da Expoingá 2015, as entidades mantiveram a posição de serem "a favor de que o Paraná seja livre de febre aftosa sem vacinação, desde que ocorra de forma simultânea" com os estados do RS, SP e MS, (SC já é).

Segundo Sgarioni "decidir suspender a imunização do rebanho significa fechar as fronteiras e comprometer a atividade de pecuária de corte paranaense". Entre as alegações das entidades, estão a complexidade de se controlar as fronteiras para impedir que animais, sem rastreamento sanitário, ingressem em solo paranaense, e a inviabilidade econômica de se manter um plantel de vacas de cria, por causa do alto custo das terras, ocupadas pelo cultivo de grãos, cana, mandioca e reflorestamento no Paraná.



O ofício traz outras considerações como o valor de ICM reduzido (índice sugerido de 4%) para transportes interestaduais de bezerras (as), bois e vacas magras, destinados à recria ou terminação fora do seu estado de origem; também o alto custo da ração a base de grãos, entre outros.

Ainda de acordo com Sgarioni, as entidades vão acrescentar novas informações ao documento. Vão também contrapor dados apresentados pelo governo e entregá-lo na próxima audiência pública, marcada para 1 de junho, em Curitiba. O Governo do Paraná já apresentou na semana passada ao Mapa a solicitação para receber o status de área livre.

Rótulos: mayores exigencias para identificar raza del ganado en las carnes bovinas

Fonte: CNA, resumida e adaptada pela Equipe BeefPoint. 20/05/2015 A partir de agora as carnes brasileiras só poderão estampar os rótulos de raça do animal se obedecerem a rígidos procedimentos de controle genético e de registro. De início, no entanto, apenas as carnes bovinas da raça angus irão cumprir esses requisitos, conforme estabelece protocolo assinado na última quinta-feira (14) entre a Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA) e a Associação Brasileira de Angus.

O protocolo trará segurança para o consumidor e estimulará as exportações de carne de qualidade, segundo afirmou o presidente da CNA, João Martins.

Martins assinalou que a ausência de uma legislação específica para a rotulagem de cortes de carne de raça impedia o Brasil de exportar carnes de qualidade para a União Europeia. “Inauguramos uma nova fase na exportação de carne de alta qualidade do Brasil. O protocolo é a ponta de lança para que o Brasil saia de mero exportador de carne para vendedor de carne com certificação de raça”, lembrou.

Para o presidente da Associação Brasileira de Angus, José Roberto Weber, o sistema garante a credibilidade no mercado de carne. “Podemos oferecer carne de qualidade ao consumidor de forma permanente. Sem que ele compre um dia carne de raça e, no outro dia, seja enganado.”

Já o presidente da Federação da Agricultura e Pecuária do Estado do Rio Grande do Sul (Farsul), Carlos Sperotto, diretor da CNA, comemorou o fato de o Brasil chegar a esse nível tão desejado pelos criadores de angus.

“Atingimos o padrão de qualidade da carne que tanto sonhamos. No Rio Grande do Sul, sempre teve uma celeuma grande entre as raças. Resolvemos tirar o pé do acelerador e demos espaço para que as associações de criadores desenvolvessem seus trabalhos”, disse.

Brasil bate record en su participación dentro del comercio global agropecuario

Fonte: Valor Econômico, adaptada pela Equipe BeefPoint. 20/05/2015 O Brasil alcançou uma participação recorde de 7,6% no comércio mundial de produtos agropecuários em 2013, conforme destaca a edição do ano passado do livro “Intercâmbio Comercial do Agronegócio”, publicado na semana passada pela Secretaria de Relações Internacionais do Ministério da Agricultura. No total, esse comércio movimentou US\$ 1,14 trilhão em 2013.

Em comunicado, o ministério destaca que entre 2004 e 2013 o comércio de produtos do setor aumentou 134,8%, enquanto as exportações brasileiras cresceram 205,5%.

URUGUAY

Escasez de ganado gordo bien terminado. Se mantienen los precios

+ Por Blasina y Asociados - 22.05. 2015 Tanto la faena de vacunos como la de ovinos aumentaron por segunda semana consecutiva; las referencias para novillos se mantienen entre US\$ 3,20 y US\$ 3,25

El mercado de ganado gordo se muestra dinámico, con entradas que se acortan a una semana en promedio. Pero la industria debe comprar su materia prima en un marco de escasez de animales bien preparados.

Según comentaron operadores en la reunión semanal de la Asociación de Consignatarios de Ganado (ACG) el lunes pasado, hay dos mercados diferenciados: por un lado el del ganado para abasto y por otro el destinado para exportación. Las plantas para abasto están dispuestas a pagar algunos centavos más. En tanto, las focalizadas en la exportación mantienen una posición expectante. Los precios y rendimientos son dispares entre plantas.

El novillo cotiza entre US\$ 3,20/kg y US\$ 3,25, pero se pueden lograr algunos centavos más dependiendo de la terminación. La vaca se mantiene en el eje de US\$ 2,90.

La ACG subió tres centavos su referencia para el novillo gordo a US\$ 3,23 el kilo a la carne y dos a la vaca a US\$ 2,84 el kilo. En ovinos, el cordero y los borregos se mantuvieron en US\$ 3,50, el cordero pesado aumentó tres a US\$ 3,56 y las ovejas promediaron como la semana pasada en US\$ 2,83.

Se mantiene la preferencia por negocios cortos en el mercado de la reposición, que cuenta con una mayor oferta y una demanda selectiva por algunas categorías. Lote 21 remató el martes y miércoles pasados, y hubo una alta colocación de ganados de invernada. Los terneros también tuvieron una fuerte demanda y



promediaron en US\$ 1,96, seis centavos más que en el remate previo, pero cuatro menos en la comparación interanual.

Por segunda semana consecutiva aumentó el volumen faenado, tanto de bovinos como ovinos. En la semana que culminó el 16 de mayo el número de vacunos destinados a faena subió 3% y totalizó 46.512 animales, aunque se ubicó 9% abajo del nivel de la semana correspondiente del año pasado. Se faenaron 24.334 novillos, que representaron el 52,3% de la faena total, y 20.840 vacas –44,8%–.

En lo que respecta a los precios INAC, el índice para el kilo de novillo de la semana que finalizó el 16 de mayo subió de US\$ 3,291 a US\$ 3,361 y se ubicó 0,2% por encima del precio que tenía un año atrás. El kilo de vaca INAC subió, pasó de US\$ 2,810/kg a US\$ 2,855/kg, referencia 1,4% inferior al de la misma semana de 2014. El cordero INAC –en cambio– bajó, desde US\$ 3,752 por kilo a US\$ 3,683, nivel 5% menor al del año pasado.

El precio promedio de exportación para la carne bovina uruguaya se incrementó de US\$ 3.699 la tonelada a US\$ 3.791. El promedio de las últimas cuatro semanas móviles fue US\$ 3.733/ton, se ubicó 7% abajo del que tenía a igual momento de 2014.

Se dilata llegada de rabinos a la región. Fallo de la justicia de Israel no conforma a los equipos de faena

jue may 21 2015 La Suprema Corte de Justicia de Israel falló a favor del Gran Rabinato, aceptando los cambios pautados por éste para la conformación de los equipos kósher y la planta en la que trabajarán para los próximos cuatro meses. Luego se evaluará el accionar de los equipos y se verá la posibilidad de desandar el camino, según publicó Tardáguila.com.uy.

La decisión golpeó a los importadores de carne, que ya están evaluando junto a sus abogados los pasos a seguir tras este dictamen.

Esta decisión implica dejar en pie un aumento de los costos de los equipos, dado que se exige la presencia de una mayor cantidad de integrantes, además de la necesidad de que haya dos jefes de equipo, uno para cada uno de los rituales (ortodoxo y kósher). Además —y a lo que los equipos de rabinos más se oponen— se designa por sorteo la empresa a la que va a trabajar.

El domingo hubo un dictamen favorable a los rabinos (en contra de la decisión del Gran Rabinato) desde el Ministerio de Trabajo, que dijo que el sorteo atentaba contra la libertad de elegir dónde trabajar. Este era uno de los argumentos manejados por los importadores que los hacía ser optimistas en cuanto a la resolución de la Corte Suprema, algo que finalmente no se dio.

Si la resolución de la Corte era favorable, los equipos iban a estar llegando a la región entre la semana que viene y la siguiente. Ahora se abre un compás de espera hasta tanto los equipos decidan si aceptan temporalmente las nuevas reglas del Gran Rabinato hasta agosto, tal como dictaminó la Corte, o si se llevan adelante nuevas instancias.

El mercado ruso podría reactivarse para las carnes uruguayas

Publicado el: 17 mayo, 2015 Fuente: El País El mercado de Rusia presenta signos de recuperación cerrando el segundo semestre del año. Hoy la moneda local ha encontrado mayor estabilidad, lo que ayuda al importador” explicó Juan Galimberti, director de Food Forward, a Valor Agregado por radio Carve.

Brasil ha localizado otras opciones interesantes y los importadores rusos tienen que ofrecer más por carne. Paraguay, el segundo mayor exportador en volumen a Rusia, no tiene mucha oferta y esto genera oportunidades para Uruguay. Por tanto, Galimberti afirmó: “pensamos que se va a reactivar la venta de carne uruguaya a Rusia, y seguramente en setiembre u octubre estemos colocando nuevamente cortes en aquél país”.

Abasto local: Preven más subas de la carne Aumentó dos veces en diez días

+ Hugo Ocampo - 17.05.2015, El precio de la carne registró un nuevo aumento a mitad de esta semana en las pulpas, en tanto que ayer un frigorífico de fuerte presencia en el mercado interno incrementó el valor de los cortes con hueso. Ahora se prevé que la decisión se generalice al resto de las plantas industriales entre mañana y el martes próximo, reveló una fuente industrial a El Observador.

A mitad de semana subieron los precios de todas las pulpas (carnes sin hueso) entre \$ 5 y \$ 10 el kilo. Ayer se sumó la decisión de una industria que trabaja para el mercado interno de subir \$ 5 los cortes con hueso.

La fuente aseguró que esta medida será aplicada también por el resto de los frigoríficos en función de la rápida recuperación de precios que se está registrando en el mercado de haciendas.

Hasta este momento la media res de novillos se vende a \$ 103 el kilo, y la de vaquillonas a \$ 100 el kilo.

Por otra parte, en la semana que se inicia ingresará otro contenedor de carne (paleta y aguja) desde Brasil para abastecer el mercado local, y tratar de contrarrestar la suba de precios de las haciendas. Sin



embargo, se estima que nuevamente no es rentable importar carne brasileña en función de los ajustes monetarios y el incremento de precios del ganado en ese país.

El producto importado además de abastecer al mercado local en una franja que consume un tipo de carnes de menor valor, es utilizado por algunas industrias del chacinado.

Los precios de las haciendas, que habían caído en los últimos meses y que llegaron a un piso de US\$ 3,05 el kilo en cuarta balanza, se recuperan rápidamente, llegando en pocas semanas a US\$ 3,20, en tanto, estimó una nueva suba para esta semana.

MGAP acopia raciones para abastecer productores en problemas por sequía

mié may 20 2015 15:57 El ministerio de Ganadería, Agricultura y Pesca (MGAP) ya compró 1.000 toneladas de cáscara de soja y otras 1.000 toneladas de ración para destete de los terneros ante la sequía.

El MGAP extendió el plazo para recibir las demandas de raciones de los productores afectados por la sequía en los siete departamentos que abarca la emergencia agropecuaria hasta el próximo viernes 29.

A la vez, cerró la compra de 1.000 toneladas de cáscara de soja y 1.000 toneladas de ración de destete para terneros con 18% de proteínas, mientras sigue en curso un llamado para la compra de afrechillo de arroz.

Serán las gremiales agropecuarias las encargadas de recibir la demanda de los afectados y las que repartirán las raciones en el marco del operativo instrumentado por el gobierno.

El ministro de Ganadería, Agricultura y Pesca, Tabaré Aguerre, reconoció que seguramente habrán "pérdidas significativas" por la sequía, pero consideró que "lo importante es pasar el invierno con la máquina ganadera y lechera, lo más armada posible".

El MGAP mantiene la emergencia agropecuaria para siete departamentos que son Florida, Canelones, Maldonado, Lavalleja, Rocha, Treinta y Tres y Cerro Largo.

En esos departamentos, los productores que precisen sacar el ganado a la calle para pastorear, deben presentarse ante las oficinas zonales y plantear sus necesidades. Recibirán instrucciones precisas para sacar el ganado a la calle, pero no se puede pastorear sobre rutas.

Aguerre, según publicó el portal de Subrayado, reconoció también que por más que llueva ahora "no habrá crecimiento de pasturas, salvo que sean verdes. Buena parte de las praderas se murieron, o sea que la situación es realmente de mucha preocupación".

Apuntan a que OIE pueda certificar el compartimento ovino

El país 21/05/15 Uruguay peleará porque la Organización Mundial de Sanidad Animal (OIE) certifique, en un futuro, la herramienta del compartimento de alta bioseguridad, como medida de acceso a los mercados más exigentes.

"Es un instrumento muy valioso que puede servir a todos los continentes ese tipo de iniciativa, porque no está pensado sólo para fiebre aftosa, pensemos también en otras enfermedades que pueden afectar el comercio", reconoció el director de los Servicios Ganaderos, Francisco Muzio.

La producción ovina uruguaya se juega la vida con el compartimento ovino de alta bioseguridad destinado a la producción de carne ovina. Con esta herramienta, avalada por el código de la OIE, se busca brindarle las mayores garantías a países como la Unión Europea, Estados Unidos, Canadá y México que la carne ovina con hueso que se les exporte, no ofrece riesgo alguno para su sanidad; no existe oferta viral.

En ese sentido, la meta es lograr la apertura, en el corto plazo, de Estados Unidos para la carne ovina con hueso, luego de una exitosa auditoría de las autoridades de la Agencia de Inspección de Animales y Plantas (Aphis por sus siglas en inglés) del Departamento de Agricultura de Estados Unidos (USDA).

"La figura del compartimento, cuando hay una buena bioseguridad, es un instrumento muy interesante, pero por ahora sigue siendo algo que está en el código, pero su status no lo reconoce la OIE", explicó Muzio.

Durante la Asamblea Mundial de delegados de la OIE, que se celebra desde el lunes 24 hasta el viernes 29 del corriente en París, el director de los servicios ganaderos dijo que mantendrá algunos contactos bilaterales con las autoridades sanitarias de Estados Unidos, para ver en qué está el trámite para la apertura del mercado para la carne ovina con hueso, también está en la mira la Unión Europea.

Muzio, que también preside el Comité Veterinario Permanente (CVP) se juega que "haya posiciones comunes con los demás países de Sudamérica cuando haya que votar las modificaciones en el código zosanitario de la OIE

Generalmente cuando se votan los asuntos que pesan, los continentes votan en bloque. La Unión Europea, África e incluso Asia usan esa estrategia. Estamos con el propósito de que los intereses de América sean defendidos en bloque".



Preocupa "enorme vulnerabilidad" en sector cárnico FR teme que intereses de industria no estén alineados a los del país

dom may 17 2015 Tradicionalmente, la Federación Rural —además de otras gremiales— bregó por el mantenimiento del libre mercado en el sector ganadero y denunció posibles casos de concertación de valores del ganado y regulación de las faenas.

Uriarte dijo estar muy preocupado porque el sector cárnico tiene "una enorme vulnerabilidad. Preocupa mucho la vulnerabilidad del Uruguay con respecto a los intereses de quienes dominan hoy la industria frigorífica que no estén alineados con los intereses del país".

"Me refiero a que cuando tenemos un mundo que está dispuesto a pagar altos precios y nuestra carne es valorada, deberíamos estar trabajando con la máquina a todo vapor y gran parte del tiempo no es así, porque hay una decisión empresarial razonable que no lo justifica. Esa es la decisión que deberíamos revertir", dijo el presidente de la gremial.

Para Uriarte, el gran desafío que hay por delante es "encontrar esa salida que permita elevar las faenas a 3 millones de cabezas bovinas anuales".

Agregó que ese camino "debemos buscarlo entre todos. Ojalá tuviera la respuesta". Mantener una faena baja fue un hecho que se vino dando en los últimos años y "en la medida que todos seamos conscientes de que hay que corregirlo, que la industria trabaje a todo vapor, que faene lo máximo posible y tengamos una exportación en pie trabajando fuerte, ahí se van a crear más ingresos para todos los uruguayos", dijo.

Es más, el gremialista recordó que el propio ministro de Ganadería, Agricultura y Pesca, Tabaré Aguerre, reconoció que Uruguay podría tener US\$ 1.000 millones más de ingresos anuales si se consiguiera el objetivo de llegar a faenar anualmente 3 millones de vacunos. "Hay una decisión empresarial razonable atrás de faenar menos animales y hay que tratar de que cambie, de que no le sea conveniente a la industria esa estrategia que se viene aplicando desde junio de 2013", dijo tajante Uriarte.

La baja faena y el desestímulo, repercute sobre el eslabón más débil de la cadena: el sector criador. Más allá del efecto clima, el criador demostró a lo largo de los años que puede producir más cuando recibe las señales favorables.

PARAGUAY

La exportación de carne creció 2% pero mermó el ingreso de divisas. Rusia principal destino

Publicado el: 15 mayo, 2015 Fuente: La Nación La exportación de carne bovina experimentó un crecimiento del 2% en el primer cuatrimestre del año, en comparación con el mismo periodo del año anterior, pero los ingresos disminuyeron por la depreciación del producto en el mercado internacional, según el informe del Servicio Nacional de Calidad y Salud Animal (Senacsa). Entre enero y abril de este año se embarcaron 76.766 mil toneladas de la proteína roja; mientras que en el mismo periodo del 2014 se habían exportado 75.391 toneladas.

El nivel de ingresos disminuyó cerca del 4%, ya que en el primer cuatrimestre de este año el comercio de carne bovina generó US\$ 320,8 millones contra los US\$ 333,8 millones del primer cuatrimestre del 2014. En lo que va del año, la carne bovina paraguaya sufrió una depreciación del 5,6% con relación al mismo periodo. Este año el producto cotiza en promedio US\$ 4.178 la tonelada; mientras que la cotización media de los primeros cuatro meses del 2014 fue de US\$ 4.427 la tonelada, según datos del Senacsa.

Korni Pauls, gerente de Frigochaco y miembro de la Cámara Paraguaya de la Carne (CPC), explicó que esta tendencia de precios bajos se está dando desde noviembre del año pasado, debido a que los principales mercados de Paraguay, que son Rusia y Chile, por situaciones coyunturales bajaron los valores de compra del producto local. Los precios cayeron 15% en Chile y 25% en Rusia, manifestó Pauls. La carne bovina paraguaya llegó a 31 diferentes mercados en los primeros cuatro meses del año. El principal comprador es Rusia, con un volumen de 29.370 toneladas y un valor de US\$ 92,6 millones, seguido de Chile que importó 18.293 toneladas por un valor de US\$ 94,1 millones. El tercer mayor comprador de carne paraguaya es Brasil, país que importó 9.543 toneladas por un valor de US\$ 48,1 millones, según los registros del Senacsa. Estos tres países concentraron el 74,5% de las compras de carne paraguaya en el primer cuatrimestre de este año.

La exportación de productos y subproductos de origen animal experimentó un crecimiento del 5% en volumen de embarques en el primer cuatrimestre del año y sufrió una caída del 5% en el valor de ingresos. Entre enero y abril de este año se embarcaron 130.794 toneladas por un valor de US\$ 422,9 millones

Paraguay aumentó un 22% la exportación de carne premium a Chile

Publicado el: 17 mayo, 2015 Fuente: Agromeat Según datos del Servicio Nacional de Calidad y Sanidad Animal (Senacsa), este año, aumentó más del 22% el valor de los envíos de carne congelada a Chile. Uno de los principales mercados de la carne premium, para el país.



Es decir, de enero a abril de este año se envió carne por valor de USD 94.157.000, mientras que el año pasado en el mismo periodo se había enviado aproximadamente USD 76.927.000.

Esta situación de alza no es igual en el principal destino en volumen de la carne paraguaya, que es Rusia, donde hubo un decrecimiento del -8%, en el valor de las exportaciones, como consecuencia de la crisis de la moneda en el país de los zares.

Según Senacsa, en los primeros cuatro meses de este año, se exportó a Rusia por valor de USD 92.691.065 a diferencia de USD 116.275.000 del valor de las exportaciones en el mismo periodo, pero del 2014.

En lo que respecta al mercado chileno, este año Paraguay se posiciona como su principal proveedor de carne bovina, con el 38% de sus importaciones. Le sigue Brasil, con el 30%, Argentina con el 20% y EEUU, Uruguay se reparten los porcentajes restantes, según datos del Banco Central del Paraguay (BCP).

Exportación cárnica. De enero a abril del 2015, más de USD 422 millones se recibieron en concepto de exportación del complejo cárnico (carne vacuna, porcina, aviar, menudencias), con relación a USD 445 millones, que habían ingresado el año pasado en el mismo periodo de tiempo. Si hablamos de la exportación solo de carne vacuna, el informe de Senacsa señala un leve crecimiento del 2%, lo que representa a un volumen de 76.766 toneladas solo de carne roja, que se envió de enero a abril de este 2015. En ingresos, en el mismo periodo, siempre por concepto de exportación solo de carne bovina, según el ente sanitario, fue de USD 320 millones, un descenso de 3,88%, a diferencia de los USD 333 millones que había ingresado al país en cuatro meses del 2014.

Germán Ruiz, presidente de la Asociación Rural del Paraguay (ARP), dijo que los precios van mejorando, que es una situación coyuntural que se debe afrontar.

Korni Pauls, presidente de la Cámara Paraguaya de la Carne (CPC), indicó que estos precios se van a estabilizar una vez que Paraguay tenga un abanico de mercados.

UNIÓN EUROPEA

Anuncian incorporación de un Nuevo comité de asesoramiento científico

TheCattleSite News Desk 19 May 2015 EU - The European Commission (EC) has announced that a new scientific advice body will be set up, so that Europe has timely access to high-quality, independent scientific expertise.

EC President Juncker and Commissioner Moedas met with a high level group of independent scientists who will now be responsible for coordinating national academies and other scientific bodies in providing advice to the commission.

The future mechanism aims to draw on the wide range of scientific expertise in Europe through a close relationship with national academies and other bodies.

Commissioner Moedas said: "In combination with the forthcoming proposals on better regulation, the new model for independent scientific advice will contribute to the Commission's continued pursuit of the best possible evidence-based policy.

"This will be a significant step forward for an effective European Commission that delivers for citizens, and addresses the major societal challenges which Europe faces."

In November 2014, Mr Juncker abolished the post of Chief Scientific Adviser to the EC, held by Professor Anne Glover, a move that the National Farmers' Union in Scotland (NFUS) described as a "backward step".

NFUS president Allan Bowie said: "Since Professor Glover's post was abolished last year, the commission has already brought forward unhelpful legislation on re-nationalising the authorisation process of GM."

Mr Bowie added that his organisation believed that policy-making in Europe ought to be driven by science, and he was pleased to see the commission making progress on this issue.

He continued: "However, we will be continuing to ensure that this is a genuine effort to ensure that policy is free from politics. We would expect this body to be as robust as Professor Anne Glover was and stand up for science in the policy making that comes out of Europe.

"Science can provide us with enormous possibilities, particularly as Europe's farmers attempt to meet the challenge of feeding a growing world population in volatile market conditions."

Comisión Europea encara investigación sobre bienestar animal

20 May 2015 EU - The European Commission is to launch a Eurobarometer survey into animal welfare this year. The last survey on animal welfare in 2007 showed that European Citizens are concerned about the treatment of animals and about improving welfare.

The Food Safety Commissioner Vytenis Andriukaitis is also to launch a general debate with the College of Commissioners regarding animal welfare in order to obtain a consensus on their approach.



The EuroGroup for Animals said it hoped the debate will lead to a clear proposal on how the Commission will address the shortcomings of the implementation of the current Animal Welfare Strategy 2012-2015 and propose future remedies to the situation. In a letter to agriculture ministers last week, Mr Andriukaitis said: "As you are aware we are proud to have in Europe a set of high level requirements for the welfare of animals, which I would like to see fully enforced across the EU.

"More can be done to enforce those standards, and to promote them so as to reap the added value that they afford to EU animal products on international markets.

"Animal welfare is one of my priorities for the food chain portfolio and I intend to elicit in the course of my mandate a broad debate on how best to pursue our animal welfare objectives."

Reineke Hameleers, Director of Eurogroup for Animals said; "The work of our 46 members shows that the vast majority of European citizens feel that animal welfare should be well protected by the EU. "We believe that the survey will confirm that it is a core European value that must be better respected.

It's of crucial importance that article 13 in the Treaty on the Functioning of the European Union which considers animal sentience is implemented and that the animal welfare strategy 2012-2015 will be delivered. Animal welfare is clearly not a matter of subsidiarity and citizens expect the EU to act." She added: "We call on the European Commission to ensure that the survey will not only consider farm animals but also cover other pertinent areas such as wildlife, research animals and indeed companion animals. "There are many issues that affect all these animals today in the European Union which are not being addressed and the Commission must take its responsibilities seriously."

The EuroGroup said that the previous Eurobarometer survey skewed the focus away from animal welfare toward the cost of higher food production standards and EuroGroup said it hoped that the Commission will not be driven by industry and economic cost but by the reality of the suffering animals still experience in Europe and how it is a major concern to citizens. –

FRANCIA: diagraman medidas para compensar bajas en los precios del Ganado bovino

TheCattleSite News Desk 18 May 2015 - French Agriculture Minister Stéphane Le Foll has stepped up measures to back the beef sector in France.

Last week he met with the main players in the sector following a request for action from the National Cattle Federation (ETF) over the economic hardship being faced by beef farmers in the country. Because the farmers are facing a drop in prices in France compared to other European countries Mr Le Foll set up a review of the market by the analysts France AgriMer.

He said the results of the review that should show the reasons for any drift in prices and the reasons behind them should be known soon.

An investigation has also been launched into the impact that labelling has on consumer choice in the supermarkets as well as into the purchasing policies of the stores with the meat processors.

Mr Le Foll said he was convinced of the potential of the sector and he called for a collective reaction from the industry to organise itself to meet the expectations of and to seize new opportunities both in the domestic and export markets.

The Minister said he backed the desire of the industry for an improvement in quality, which will result in French specifications for beef. He has also called on the resources of the ministry to open up new export markets and he said it was also the responsibility of professionals in the sector to conquer new markets in a sustainable way. Mr Le Foll has also announced the appointment of an inspector general dedicated to export issues and he said it was also necessary to establish the means for producers to win tenders in the catering sector. He said that he would meet with the industry leaders again in a month when he expected to have concrete proposals to lay on the table.

Informes concluyen en que las normas de rotulado obligatorio tienen un costo excesivo y que el rotulado voluntario es una solución más adecuada

TheCattleSite News Desk – 21 May 2015 EU - Two reports from the European Commission conclude that the benefits from new mandatory country of origin labelling requirements on food do not clearly outweigh the costs. The reports say that voluntary labelling rules seem to be the most suitable solution.

The first report looks at the feasibility of different options for mandatory origin labelling for dairy products and for minor meats, notably horse meat, rabbit meat and meat from game and birds (farmed and wild). Labelling rules are already in place for beef meat, pig meat, poultry meat, sheep meat and goat meat.

The report says that considering consumer attitudes towards additional information and potential extra costs, as well as any technical and administrative requirements arising for businesses and public authorities, for dairy products there would be an uneven impact on producers, making it more burdensome for some than for others. It says it also seems that consumers are not willing to pay more for the additional information.

The report suggests that the existing options for voluntary labelling could address some consumer demands while retaining flexibility for Member States and food operators.



Commenting on the European Commission report on Country of Origin Labelling, Dr Judith Bryans, Chief Executive of Dairy UK, said: "We are disappointed to see that the Commission report found that voluntary Country of Origin Labelling may be a more suitable option for dairy products than a mandatory system.

"There is obvious consumer demand for clearer information on the country of origin of food products as illustrated by the existing rules for fresh meat within the Food Information to Consumers Regulation.

Therefore, it makes sense to take the next step and introduce these requirements for milk and milk used as an ingredient in dairy products.

"A mandatory labelling system would help the UK dairy industry showcase its products and reassure consumers on their provenance. Our milk, our cheeses, our yoghurts and all our great British dairy products are a staple of the UK diet and we should be proud of what we produce. "Country of Origin Labelling should be more than just an option but a strong recognition of the British dairy industry's hard work to deliver nutritious and wholesome products to consumers.

Dairy UK has called for mandatory Country of Origin Labelling for many years, with the support of Defra and the Dairy All-Party Parliamentary Group, and will keep a close eye on further developments. For the "minor meats", the report similarly concludes that compulsory origin labelling would imply operational costs which would not outweigh the benefits.

The second report explores the need for consumers to be informed on the origin of unprocessed foods, single ingredient products and ingredients that represent more than 50 per cent of a food.

It concludes that consumers are interested in origin labelling for all these food categories, but less so for food categories such as meat, meat products and dairy products.

The report also looks at the costs and benefits of labelling rules, including the impact on the internal market and on international trade, and concludes that voluntary origin labelling, combined with existing mandatory origin labelling regimes for specific foods or categories of food, is the most suitable way forward.

The report recommends the introduction mandatory country of origin labelling for unprocessed prepacked minor meats if the cost is within the consumers' range of willingness to pay.

It also recommends mandatory origin labelling to indicate country of birth, countries of rearing and country of slaughter for pre-packed unprocessed horse meat. It also calls for mandatory origin labelling to indicate country of birth, rearing and slaughter in prepacked unprocessed rabbit meat and farmed game and mandatory origin labelling to indicate country of hunting for pre-packed unprocessed wild game meat.

The reports will be transmitted to the European Parliament and the Council.

ESTADOS UNIDOS

OMC rechaza la apelación de EE.UU. a favor de sus normas de rotulado de origen. Consideró que constituían una desventaja para CANADA y MEXICO

Associated Press By MARY CLARE JALONICK May 18, 2015 Meat labels are seen at a grocery store in Washington, Tuesday, May 19, 2015. Labels on packaged steaks and other cuts of meat in the United States that say where the animals were born, raised and slaughtered will have to be dropped or revised after a World Trade Organization ruling. The office of the U.S. Trade Representative said Monday that the WTO has rejected a final U.S. appeal, deciding that the U.S. "country of origin" labels put Canadian and Mexican livestock at a disadvantage. (AP Photo/Andrew Harnik)

WASHINGTON (AP) — Labels on packaged steaks and other cuts of red meat in the United States that say where the animals were born, raised and slaughtered will have to be dropped or revised after a World Trade Organization ruling Monday. The office of the U.S. Trade Representative said the WTO has rejected a final U.S. appeal, deciding that the U.S. "country of origin" labels put Canadian and Mexican livestock at a disadvantage.

The Obama administration had previously revised labels to try to comply with WTO obligations. Agriculture Secretary Tom Vilsack has said that if the WTO ruled against the final U.S. appeal, Congress will have to weigh in to avoid retaliation — such as extra tariffs — from the two neighbor countries.

"Congress has got to fix this problem," Vilsack said after the decision. "They either have to repeal (country of origin labeling) or modify and amend it."

Though the ruling went against the U.S., it's a victory for the U.S. meat industry, which has said the labels are burdensome. Meat processors quickly called for repeal of the labeling laws after the WTO decision.

Canada and Mexico issued a joint statement calling on the United States to repeal the labeling rules and saying they will seek authorization from the WTO to take retaliatory measures against U.S. exports.

The joint statement of Canadian and Mexican agriculture and trade officials said the rules cause Canadian and Mexican livestock and meat to be segregated from those of U.S. origin. The labeling is "damaging to North America's supply chain and is harmful to producers and processors in all three countries," the officials said.

The officials said they would "continue to work closely" on the issue with the United States.



The National Farmers Union, a farm group that has backed the country of origin labels, said negotiations would be better than congressional intervention.

"As we have seen in other disputes, once decisions are handed down, WTO members often work together to find a solution that will work for them," said National Farmers Union President Roger Johnson. "In this case, such a solution must involve continuation of a meaningful country-of-origin labeling requirement."

Congress required the labels in 2002 and 2008 farm laws, mostly at the behest of ranchers in the northern United States who compete with the Canadian cattle industry. Originally, the U.S. Department of Agriculture allowed the labels to say simply "Product of U.S." or "Product of U.S. and Canada," but the WTO rejected that approach in 2012.

USDA then revised the labels and made them more specific in an attempt to win WTO approval. Now the labels say, for example, that the animal that produced the meat was "born in Mexico, raised and slaughtered in the United States" or "born, raised and slaughtered in the United States."

The WTO rejected those revised rules last year, and the United States filed one last appeal, rejected Monday by the WTO.

Tim Reif, chief counsel for the U.S. Trade Representative, said that the administration is "considering all options going forward, and will continue to consult with members of Congress and interested members of the public regarding possible next steps."

The Republican chairmen of the House and Senate Agriculture Committees have indicated they are ready to step in on the issue. Both Texas Rep. Mike Conaway and Kansas Sen. Pat Roberts have supported past efforts to repeal the labeling laws, siding with the meat industry.

Comité del Congreso dictamina a favor de eliminar el rotulado de origen en carnes

Associated Press 20/05/15 WASHINGTON (AP) — A House committee has voted to get rid of labels on packages of meat that say where the animals were born, raised and slaughtered.

The House Agriculture Committee voted 38-6 to repeal a "country-of-origin" labeling law for beef, pork and poultry Wednesday — just two days after the World Trade Organization ruled against parts of the law. The labels tell consumers what countries the meat is from: for example, "born in Canada, raised and slaughtered in the United States" or "born, raised and slaughtered in the United States."

The WTO ruled Monday that the U.S. labels put Canadian and Mexican livestock at a disadvantage, rejecting a U.S. appeal after a similar WTO decision last year.

The Obama administration had already revised the labels once to try to comply with previous WTO rulings. Agriculture Secretary Tom Vilsack has said it's now up to Congress to change the law to avoid retaliation — such as extra tariffs — from the two neighbor countries.

The law was initially written at the behest of northern U.S. ranchers who compete with the Canadian cattle industry. It also was backed by some consumer advocates who say it helps shoppers know where their food comes from. The supporters have called on the U.S. government to negotiate with Canada and Mexico to find labels acceptable to all countries.

But many in the U.S. meat industry — including meat processors who buy animals from abroad — have called for a repeal of the law, which they have fought for years, including unsuccessfully in federal court.

House Agriculture Committee Chairman Mike Conaway, R-Texas, has long backed the meat industry's call for repeal. Along with several of his colleagues, he introduced the legislation to repeal the labeling requirements hours after the WTO decision. He said the bill is a "targeted" response.

"We cannot sit back and let American businesses be held hostage to the desires of a small minority who refuse to acknowledge that the battle is lost," Conaway said.

All but six of the committee's Democrats supported the bill. Minnesota Rep. Collin Peterson, the panel's top Democrat and a longtime supporter of the labeling, was one of the few to vote against it. He said there is still time to find a "workable North American solution." The bill would go beyond just the muscle cuts of red meat that were covered under the WTO case, also repealing country-of-origin labeling for poultry, ground beef and ground pork. Conaway said the poultry industry asked to be included after facing "high costs and little if any quantifiable benefits" from the labeling law.

The legislation would leave in place country of origin labeling requirements for several other commodities, including lamb, venison, seafood, fruits and vegetables and some nuts.

Canada and Mexico have called for repeal of the law and said they would seek authorization from the WTO to take retaliatory measures against U.S. exports. The law causes their animals to be segregated from those of U.S. origin — a costly process that has forced some U.S. companies to stop buying exports.

Congress required the labels in 2002 and 2008 farm laws, mostly at the behest of the northern U.S. ranchers. The original labels were less specific, saying a product was a "product of U.S." or "product of U.S. and Canada." WTO rejected those labels in 2012, and USDA tried again with the more detailed labels a year later. The WTO rejected those revised rules last year, and the United States filed one last appeal, rejected Monday by the WTO.



Debbie Barker of the Center for Food Safety said the WTO's ruling, and the House's action, show no regard for shoppers who want to know where their meat comes from.

"It's stunning that some members of Congress are so quick to respond to a closed-door, international trade body with no apparent regard for the wishes of American consumers," Barker said.

On the Senate side, Senate Agriculture Committee Chairman Pat Roberts of Kansas also has said he will move quickly to respond to the WTO ruling, but he has yet to introduce a bill.

AUSTRALIA

Exportaciones de carnes bovinas alcanzaron un valor récord en marzo de 2015

20 May 2015 Australian beef and veal exports were valued at \$864 million during March, becoming the highest monthly value on record and up 88% on the five-year average. The value was bolstered by the large volume of beef shipped during the first quarter, up 8% year-on-year, at 297,055 tonnes swt.

The value of shipments to the US continued to strengthen, with the March value doubling year-on-year, at \$312 million, aided by a 40% increase in the volume exported. Also contributing to the high value was the strong price for 90CL (manufacturing meat) beef, up 23% year-on-year at 638A¢/kg FAS, as well as the weaker A\$ against the US\$.

The value of beef exports to Japan totalled \$178 million in March, up 33% year-on-year, driven by a 24% increase in volume and reflecting strong prices. Beef exported to South Korea and China was valued at \$99 million and \$86 million, increasing 25% and 6% year-on-year, respectively.

Exports to Taiwan were valued at \$17 million in March, down 24% from the corresponding month last year, largely attributed to lower volumes. The value of shipments to Saudi Arabia increased 20% year-on-year, reaching \$17 million, despite a 12% reduction in volume.

Given the high cattle slaughter and beef production expected, coupled with strong export demand, the value of exports is expected to remain high over the coming months.

China sigue creciendo como destino y adquiere importancia en cortes preciadados

20 May 2015 Despite facing several market access hurdles and competition from international demand, 2015 marks the third year of substantial Australian beef shipments to China (Department of Agriculture). Volumes have surged from 32,906 tonnes swt in 2012, to 40,788 tonnes swt in just the first four months of 2015. Shipments for the year-to-date are 1% higher than the same period in 2013, but 20% below year-ago levels. Most interestingly, loin beef cut exports to China saw unprecedented increases, reaching record volumes during the four months to April.

During this period, China ranked the third largest market for Australian cube roll (1,081 tonnes swt), following the US (2,220 tonnes swt) and Japan (1,315 tonnes swt). When looking at the grassfed component, shipments of Australian cube roll to China only came second behind the US market. Following strong demand from the foodservice sector over the past two years, shipments of striploin to China ranked second behind the US. The majority of loin cut exports to the US were chilled, while a large proportion of these cuts were sent to China in frozen form.

Chilled beef exports have been on the rise since the beginning of the year, registering 1,485 tonnes swt during the January to April period. The value of chilled beef exports to the market was A\$9.9 million for the first quarter of 2015 (Australian Bureau Statistics).

Grainfed beef exports to China during the first four months of 2015 were 37% lower year-on-year, but surpassed the level registered in the same period in 2013, at 4,856 tonnes swt. Brisket was the most shipped grainfed item, as demand from the hot pot segment remains strong.

Caen los embarques australianos hacia Medio Oriente

21 May 2015 Australia's beef exports to the Middle East during April were 14% lower than last year, at 5,065 tonnes swt (Department of Agriculture). With over 80% of the beef trade grassfed, a 20% drop in grassfed (4,172 tonnes swt) exports far outweighed a 27% increase in grainfed beef (893 tonnes swt).

For the first four months of 2015, Australian beef exports to the Middle East were 13% lower than the same time last year. This was largely due to the very strong trade in early 2014, and the strength of other export markets, particularly the US, so far in 2015.

In April, 85% of beef exported to the Middle East was shipped to either Saudi Arabia (66%) or the UAE (19%), while the proportion of cuts exported to the region remains dominated by manufacturing beef and topside/inside. This cut breakdown goes some way to explaining the competition with the US, which is a heavy user of these products.

There have been expectations, for a number of months now, that Brazilian beef will regain access to Saudi Arabia. If and when this does happen, it is likely that Australian exports to Saudi Arabia will decline further.



EMPRESARIAS

JBS proyecta una caída en los precios del ganado en el mercado brasileño

Fonte: Exame, resumida e adaptada pela Equipe BeefPoint. 18/05/15 A JBS avalia que os preços do gado no Brasil, em patamares recordes, já começaram a arrefecer, enquanto as fracas exportações de carne bovina a partir do país no primeiro trimestre já estão se recuperando.

Segundo o presidente-executivo global da JBS, Wesley Batista, a unidade de carne bovina do Brasil teve um primeiro trimestre "bastante desafiador", com os preços "firmes" do gado e exportações caindo em uma taxa de cerca de 30% nos primeiros meses do ano, com a queda do petróleo afetando economias de importantes destinos, como a Rússia. Isso gerou um "pressão nos preços internacionais" e também uma "sobreoferta" no mercado brasileiro.

Mas Batista vê uma mudança de cenário nos próximos meses, ante uma condição da arroba bovina em níveis recordes de cerca de R\$ 150 em São Paulo, com preços impulsionados, em parte, pela baixa disponibilidade de gado pronto para o abate, após o tempo seco afetar as pastagens.

A JBS teve lucro antes de juros, impostos, depreciação e amortização (Ebitda, na sigla em inglês) da unidade Mercosul, na qual está inserida o Brasil, 36,8% menor no primeiro trimestre contra um ano antes, para R\$ 376,4 milhões. Já o lucro líquido consolidado, incluindo operações nos Estados Unidos, Austrália, Argentina, entre outros países, atingiu R\$ 1,4 bilhão, enquanto a receita líquida disparou para R\$ 33,8 bilhões de janeiro a março.

O empresário lembrou que o lucro "líquido reflete estratégia correta de hedge cambial", que a companhia vem adotando desde o início do ano passado, a qual capturou ganhos com derivativos.

Segundo ele, com a perspectiva de aumento de juros nos EUA e os desafios na economia brasileira, "a JBS entende que não é a melhor política ter exposição à moeda norte-americana".

Batista também comentou sobre a provável abertura do mercado de carne in natura dos EUA ao produto brasileiro, que ele avalia que poderá ocorrer efetivamente no segundo semestre.

O presidente-executivo da JBS não crê que o impacto possa ser tão expressivo para o setor no Brasil. "Os mercados são globais, não é como no passado, que poderia ser um evento transformacional, é um evento que colabora, mas não é transformacional para a indústria brasileira".

Executivos da JBS também acreditam em uma melhora na disponibilidade de gado pronto para abate em 2016 nos EUA, onde está grande parte da operação do grupo. Isso deve se dar após a recuperação do rebanho, que acontece enquanto os preços altos do gado e da carne norte-americana estimulam pecuaristas a reter vacas, por conta da boa margem no momento.

Segundo Batista, a meta da JBS para o futuro é se consolidar como empresa global de alimentos, acrescentando que a companhia também está focada na melhora do perfil do endividamento e na entrega de resultados aos acionistas.

Entrevista a CEO de JBS

By Tom Polansek, Reuters May 21, 2015 Brazil's JBS SA, the world's largest meatpacker, this year will look at opportunities for acquisitions in North and South America and Australia, Chief Executive Wesley Batista said on Wednesday.

Batista, in a wide-ranging interview with Reuters at a BMO investor conference in New York, also predicted that Zilmax, a controversial growth enhancer for cattle, will not return to market. Zilmax's maker, Merck & Co, could not immediately be reached.

Batista's comments about the search for potential deals come after the company said in recent months that it was focused on organic growth, not on acquisitions.

JBS will "for sure" be looking at potential acquisitions in the chicken, pork and branded, packaged food sectors during 2015, Batista said.

"I cannot say that, second half of this year, we are not going to be preparing ourselves, to (maybe) look something for late this year or next year," he added.

JBS in November struck a deal to buy Primo Group, a leading producer of ham, sausage and bacon in Australia and New Zealand, for A\$1.45 billion (\$1.25 billion) in a bid to increase its access to fast-growing Asian markets.

Four months later, JBS' director of investor relations, Jerry O'Callaghan, told analysts the company's top priority for 2015 was to focus on organic growth. Last week, Batista said on a conference call that the company was open to deals but still "very focused on our current business."

"I'm more focused on some internal things, but this does not mean we are not going to be looking," he said on Wednesday.

Regarding Zilmax, Batista predicted the product will not return to use in U.S. beef production after Merck suspended sales in 2013. Major beef processors at the time stopped accepting cattle fed Zilmax following reports it may cause lameness.

Merck has previously said Zilmax is safe and that it planned to resume sales after doing more tests.



"It's not going to happen," Batista said about a return of Zilmax.

Reuters reported in 2013 that packer Tyson Foods Inc had stopped taking Zilmax-fed livestock after more than two dozen animals that had been fed the drug arrived at one of its slaughterhouses with missing hooves.

"The product was not a good fit for cattle production," Batista said. "Everybody stopped. Some issues came about animal welfare and this kind of thing, and they just decided to stop. I don't see this changing."

JBS S.A. - JBS USA obtiveron mejora en el rating de Standard & Poor's

Fonte: JBS, resumida e adaptada pela Equipe BeefPoint. 21/05/15 A agência de rating Standard & Poor's elevou a classificação da JBS S.A. e de sua subsidiária JBS USA Holdings de BB para BB+, com perspectiva positiva.

A elevação nos ratings é reflexo de margens EBITDA e Geração de Caixa mais fortes, o que resultou em uma redução significativa no endividamento ao longo dos últimos trimestres, apesar das aquisições da Primo Smallgoods, Tyson Foods e da Big Frango, as quais totalizaram um montante aproximado de R\$ 5,0 bilhões.

A forte diversificação geográfica e de portfólio da Companhia, bem como suas economias de escala por ser a maior produtora global de proteínas devem mitigar a volatilidade em seus resultados.

Angus actualizan protocolo

Fonte: Mapa, resumida e adaptada pela Equipe BeefPoint. 18/05/15 A Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA) e a Associação Brasileira de Angus (ABA) assinaram o Protocolo Angus, na tarde desta quinta-feira (14) com o objetivo de aprimorar o processo de qualificação da carne para beneficiar os produtores e os consumidores.

Pelo protocolo, as carnes brasileiras só poderão estampar em seus rótulos a procedência genética do animal quando submetidas a rígidos procedimentos de controle conduzidos sob gestão da CNA e fiscalizados pelo MAPA.

O termo de cooperação é resultado de anos de negociação e permite uma forte modernização na gestão e identificação da carne Premium de origem da raça Angus comercializada no Brasil. Hoje, o país tem 3 milhões de bezerros da raça Angus.

Assinatura do protocolo ocorreu graças à recente implementação da Plataforma de Gestão Agropecuária (PGA – banco de dados que armazena todas as informações do agronegócio brasileiro).

O evento, na sede da CNA, contou com a participação de representantes do agronegócio e do secretário de Defesa Agropecuária do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), Décio Coutinho.

De acordo com o presidente da CNA, João Martins, a parceria entre CNA e ABA permite a ampliação e captação de mercados. "É uma nova fase de exportação para a carne de qualidade. Entramos em um mercado competitivo e com nova roupagem. Antes, a falta de legislação específica e de informações compartmentadas sobre o setor impediam o Brasil de exportar carnes com essas características, por exemplo, para a União Europeia e os Estados Unidos", lembrou.